

.....

“Muitas citações em latim, holandês e alemão arcaicos. O desenho, bem-feito, de um mostrador de um relógio. Ou será um quadrante esotérico?... Um fragmento de um outro desenho que parece ser de uma peça íntima de vestiário feminino. Pode não ser. Pode até ser um mapa enigmático. Interrogações, interrogações, interrogações...

.....

“Tenho medo. Muito medo. Um medo que na certa tem a sua causa. Ou não? Essas coisas não têm muita lógica. Explico-me: na terceira folha do códice, vigésima quinta linha, tem uma mensagem que já consegui decifrar. Essa mensagem me tem feito pensar muito. Levou-me, quase, a desistir de tentar decifrar o resto. É o seguinte: *“Será que a verdade salva? Não seria mais prudente olvidá-la, por um bem superior?”* Só isso. Quer dizer, penso eu: devemos dizer sempre a verdade, nunca mentir. Mas, ninguém é obrigado a dizer *toda* a verdade. A verdade inteira pode ferir, pode maltratar, pode matar. Ocultar parte da verdade nem sempre é traí-la; pelo contrário, pode significar a proteção de algo superior. Imagine que alguém tenha descoberto uma equação que destruísse o mundo. Deveria revelá-la, só porque é a verdade? Daí a minha dúvida e o meu medo: essa mensagem não foi escrita à toa nesse códice. Algum motivo, e muito sério, tem de haver. Se eu conseguir decifrar todo o seu conteúdo, deverei publicá-lo? O fato é que pelo menos o nome da principal personagem desse drama, ou dessa tragédia, já consegui desvendar. Ou melhor, creio que sim. E o resto?”

Aí termina o diário do professor Waldirez. Num pequeno pedaço de papel junto ao códice, ele escreveu: “Essa é a pista, é esta a chave do segredo.” Que segredo? É claro que se tratava da chave que decifraria o códice. Mas o professor não diz que pista é essa, que segredo é esse. Resultado: o códice continua a ser um mistério. Depois disso o professor não apareceu mais na